

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Estado de São Paulo

Class.: 200

Data 17 de março de 1977

Pg.: _____

Balduino não teme pressões

Da sucursal de
CURITIBA

D. Thomás Balduino, presidente do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), disse ontem, em Curitiba, não acreditar que as recentes críticas do cardeal Vicente Scherer possam representar a manifestação de setores da Igreja descontentes com o trabalho do órgão e interessados em impedir sua anunciada vinculação à CNBB.

"Não creio que pressões nesse sentido possam ser levadas adiante — afirmou d. Thomás — porque a decisão a que se chegou na assembléia de Itaici, de se ligar oficialmente o Cimi à CNBB, representa uma tomada de posição da Igreja com relação ao nosso trabalho, e, para que essa decisão seja modificada, será necessária outra assembléia."

Segundo o padre Egydio Schwade, secretário do órgão, o trabalho do Cimi vem sofrendo restrições apenas de um setor conservador do clero, que não aceita "a idéia de que a Igreja tenha errado durante seu trabalho de evangelização destruindo a cultura do índio". Na sua opinião, a superação desse conflito poderá ocorrer quando esses setores se dispuserem a uma autocrítica como a manifestada pelo Cimi Sul durante o curso de indigenismo ministrado em Ijuí, no Rio Grande do Sul.

Admitindo que a maior preocupação do Cimi, no momento em que ficou estabelecida sua vinculação com a CNBB, é a de não perder sua autonomia, d. Thomás Balduino explicou que o conselho quer da Igreja um compromisso. "porque nós estamos conscientes de que nosso trabalho não está sendo realizado na lua e sim dentro de uma realidade eclesial em que entram as prelazias, as dioceses, os integrantes dessas dioceses que vão ter contato com os índios".

Segundo d. Thomás, o que os integrantes do Cimi querem é que seja estabelecida uma forma de comprometimento entre os agentes da ação pastoral e os preladados, "visando ao apoio logístico, ambientes e espaços para nossos encontros — cursos ligados às universidades e instituições".

D. Thomás Balduino declarou também que considera "absolutamente importante" a manutenção do diálogo com a Funai, desde que "não seja necessário fazermos um pacto de silêncio para satisfazer razões de Estado ou ter que abdicar de nossos objetivos para se afinar com uma política oficial". O presidente do Conselho, ao responder às críticas feitas pelo general Ismarth de Araujo Oliveira, segundo o qual não há intenção do Cimi de reaproximação com a Funai, admitiu ainda que, "apesar de as tensões havidas terem levado a um certo mal-estar, vamos continuar procurando a Funai, sempre levando em conta a liberdade de discordar e apontar falhas".

Segundo o padre Egydio Schwade, tensões existentes e a falta de diálogo de que falou o general "devem-se exatamente às denúncias formuladas por nós. Mas, apesar disso, não podemos renunciar ao nosso papel de porta-voz da situação dos índios". Para ele, um dos principais pontos de atrito entre os dois órgãos é o que se refere à necessidade de reuniões entre as lideranças tribais. E apontou o fato de que, durante a reunião de ontem da 3ª assembléia do Cimi-Sul, apenas 4 índios do Rio Grande do Sul, 2 de Mato Grosso e um de Santa Catarina compareceram.

Os índios do Paraná não puderam ser representados pois, segundo o padre Natalício Weschenfelder, da regional paranaense, "a direção da Funai enviou um telegrama impedindo que três índios de Mangueirinha ou de qualquer posto paraense viajassem para o encontro".